



## ENTRE A COMUNIDADE E A SALA DE AULA: REFLEXÕES SOBRE O MEIO AMBIENTE NO ENSINO MÉDIO

Gustavo Souza Barros <sup>1</sup>

Lívia Maria Correia Araújo <sup>2</sup>

Jeferson dos Santos Nascimento <sup>3</sup>

Denize dos Santos <sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Estadual Djanira Santos Silva, situada na zona rural do município de Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas. Inserida em um contexto territorial marcado por expressivas vulnerabilidades sociais, econômicas e ambientais, a escola tem buscado ressignificar seu papel enquanto espaço formador, crítico e transformador. O projeto, intitulado “*Práticas de Integração com o Território*”, foi inserido de forma interdisciplinar, com foco na turma do 1º ano do ensino médio, em articulação direta com a disciplina de Geografia, mas que envolveram outras áreas do conhecimento, como Artes e Língua Portuguesa. O embasamento teórico que sustenta esta investigação apoia-se em autores como Mendonça (2002), que discute as interações socioespaciais e o papel da escola no reconhecimento e valorização do lugar, e Morallis (2021), cuja reflexão sobre práticas sustentáveis no ambiente escolar contribui para a construção de propostas integradoras e contextualizadas. A metodologia adotada possui caráter qualitativo e participativo, ancorando-se na pesquisa-ação como estratégia investigativa e formativa. O desenvolvimento do projeto contou com a colaboração ativa de professor e supervisor da unidade escolar, bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e acadêmicos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), promovendo a articulação entre escola e universidade, teoria, prática e saberes locais. Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se ações voltadas ao reaproveitamento de materiais recicláveis na confecção de objetos pedagógicos, campanhas de conscientização ambiental, construção de vasos de mudas e entrega de espécies nativas, além de trabalho de campo em espaços que refletem o contexto dos alunos e seu entorno. Os resultados obtidos ao longo do processo indicam que a experiência contribuiu

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL, [gustavo.barros.2021@alunos.uneal.edu.uneal.edu.br](mailto:gustavo.barros.2021@alunos.uneal.edu.uneal.edu.br) ;

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas- UNEAL, [livia.araujo.2021@alunos.uneal.edu.uneal.edu.br](mailto:livia.araujo.2021@alunos.uneal.edu.uneal.edu.br)

<sup>3</sup> Especialista em Pós- Graduação em Ensino de Geografia e Meio Ambiente da Faculdade de Venda Nova do Imigrante- FAVENI, [jeferson.santosnascimento@professor.educ.al.gov.br](mailto:jeferson.santosnascimento@professor.educ.al.gov.br);

<sup>4</sup> Professor orientador: Denize dos Santos, Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe/ PPGEO, professora Adjunta da Uneal/ Campus III/ Curso de Geografia - [denize.santos@uneal.edu.br](mailto:denize.santos@uneal.edu.br).



significativamente para o fortalecimento dos vínculos identitários efetivos dos discentes com sua comunidade, além de evidenciar uma ampliação da consciência ambiental e da percepção crítica sobre os desafios socioambientais que afetam a região.

**Palavras-chave:** Protagonismo juvenil, sistematização dos dados, Design Thinking, Aula de campo, Interdisciplinar.

## INTRODUÇÃO

A intensificação das crises ambientais, somada às desigualdades sociais, coloca a escola diante do desafio de articular conhecimento e realidade territorial na formação de sujeitos críticos. Nesse contexto, a Educação Ambiental assume papel central, o Novo Ensino Médio, ao propor itinerários formativos, abre espaço para iniciativas como a disciplina Práticas de Integração com o Território (PIT), baseadas no Design Thinking.

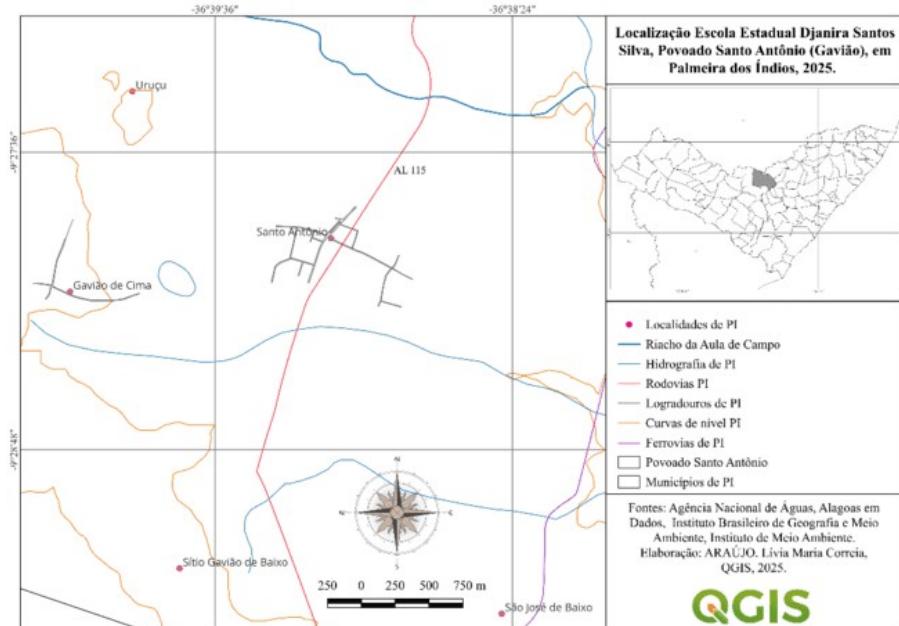
Foi nesse contexto que se desenvolveu, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o projeto “*Práticas de Integração com o Território*”, com a 1ª série do Ensino Médio da Escola Estadual Djanira Santos Silva, localizada na zona rural do município de Palmeira dos Índios AL. O projeto teve como ponto de partida a mediação do professor Jeferson dos Santos Nascimento, com o estudo teórico em sala de aula, seguido por uma aula de campo no riacho da comunidade um curso d’água que alimenta o Rio Coruripe, onde os alunos em conjunto do professor e dos bolsistas realizaram observações e reflexões sobre o uso da água, os impactos ambientais locais e as possibilidades de preservação e recuperação do ambiente.

O objetivo principal foi sensibilizar os alunos quanto à sustentabilidade e à preservação ambiental em seu território, promovendo consciência de pertencimento, responsabilidade coletiva e competências investigativas e criativas. Assim, este trabalho se apoia em um arcabouço teórico interdisciplinar sobre Educação Ambiental Francisco (Mendonça 2002), (Moralis, 2021) e Geografia do lugar (Tuan, 1977), mobilizando a metodologia da PIT como prática pedagógica participativa. A relevância da experiência reside na valorização da escola como espaço de mediação entre conhecimento científico e realidade local, fortalecendo a cidadania e a transformação socioambiental.

## METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na área de Geografia, em articulação com o componente curricular Práticas de Integração com o Território (PIT), oferecido à 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Djanira Santos Silva, situada na zona rural do município de Palmeira dos Índios, Alagoas (Mapa 1). A atividade contou com a mediação do professor da disciplina e foi conduzida por uma dupla de bolsistas do PIBID, que acompanharam todo o processo pedagógico, desde o planejamento até a culminância.

**Mapa 1:** Localização da Escola Campo – Rede Estadual do Município de Palmeira dos Índios.



**Fonte:** Acervo dos autores, 2025.

A metodologia adotada seguiu os princípios estruturantes da PIT e foi guiada pelas cinco etapas do Design Thinking: empatia, definição, ideação, prototipagem e teste. Essa abordagem busca promover o protagonismo estudantil por meio de metodologias ativas, com foco na resolução de problemas locais de forma criativa, colaborativa e crítica.



A primeira etapa consistiu na empatia, momento dedicado à escuta e ao levantamento das percepções dos estudantes sobre os problemas ambientais que envolvem seu território. Usando um questionário (imagem 1 e 2) que foi disponibilizado pelo professor Jeferson e respondido pela comunidade escolar. Nessa fase, foram realizados momentos de diálogo, construção de mapas mentais e rodas de conversa orientadas por perguntas geradoras, como “quais os problemas ambientais da nossa comunidade?” ou “como usamos a água em nosso cotidiano?”.

**Imagen 1:** Questão 1 do questionário.



**Imagen 2:** Questão 2 do questionário.



**Fonte:** Acervo dos autores, 2025.

Na etapa de definição o grupo definiu como foco a análise do riacho da comunidade Santo Antônio, afluente do rio Coruripe. A equipe docente, professor e bolsistas organizaram uma aula de campo ao redor do curso d’água, com o objetivo de observar *in loco* os aspectos da paisagem, identificar possíveis degradações ambientais, levantar hipóteses sobre as causas e discutir práticas sustentáveis relacionadas ao uso e preservação dos recursos hídricos.

Durante a atividade de campo (Imagen 3 e 4), os estudantes realizaram registros fotográficos, e anotações. Esse material subsidiou a fase de ideação, na qual foram pensadas soluções e formas de sensibilizar a comunidade escolar quanto aos problemas observados. A partir de sessões de brainstorming (tempestade de ideias), os grupos sugeriram diferentes ações, como confecção de murais educativos, produção de maquetes demonstrativas e cartazes com dicas de uso consciente da água. Para o Ensino de Geografia, o campo é conhecido como uma estratégia para promover o conhecimento do território a partir da experiência vivida pelos indivíduos. Ela permite a aproximação entre teoria e prática, o reconhecimento e percepção da realidade local.



**Imagen 3:** Aula de Campo.



**Imagen 4:** Alunos Observando o Barramento.



**Fonte:** Acervo dos Autores, 2025.

Oliveira (2006, p. 46-54) destaca que “o lugar é o ponto de partida da leitura de mundo que o aluno faz, pois é nele que se desenrolam suas experiências cotidianas”. Assim, a partir das próprias experiências, os estudantes podem compreender relações de escalas mais amplas, conectar o global ao local e desenvolver o sentimento de pertencimento ao seu território. Porto-Gonçalves (2004, p. 59–156) complementa essa ideia ao afirmar que “o território é sempre uma construção social, onde se manifestam as relações de poder, de dominação, de resistência e de identidade”. Conhecer o território, portanto, é também conhecer as lógicas que o estruturam, os conflitos que o atravessam e as possibilidades de ação coletiva para transformá-lo.

Assim, o momento do riacho da comunidade apresenta-se como uma quebra da aula tradicional. A observação e compreensão do conceito de paisagem, os registros feitos e a aplicação desses conceitos em prática permitem o desenvolvimento de uma consciência territorial sensível às condições ambientais locais. O campo nesse contexto torna-se a sala de aula onde se aprende com os olhos, os pés e a observação.

Na etapa de prototipagem, os projetos foram colocados em prática. A turma se organizou em grupos responsáveis por diferentes frentes de trabalho. A produção dos materiais foi realizada em sala de aula (Imagen 5), com apoio das bolsistas do PIBID, utilizando recursos simples, recicláveis e digitais (como slides e vídeos caseiros).



**Imagen 5:** Confecção dos materiais.



**Fonte:** Acervo dos Autores, 2025.

Por fim, a fase de teste consistiu na culminância do projeto, com a apresentação dos trabalhos em uma aula aberta, destinada aos demais estudantes e professores da escola. Cada grupo socializou suas reflexões, apresentou os produtos desenvolvidos e dialogou com os demais colegas. Este momento foi avaliado de forma qualitativa, observando-se o envolvimento, a apropriação do conteúdo e o impacto do trabalho na percepção dos estudantes sobre o meio ambiente e sua relação com o território.

A sistematização dos dados foi feita pelas bolsistas por meio de registros escritos, diários reflexivos e fotografias dos momentos mais significativos, que serviram de base para a construção deste relato. A experiência demonstrou a potência das metodologias integradas ao território na promoção de aprendizagens significativas e no fortalecimento do papel social da escola.

A compreensão do meio ambiente na perspectiva da Educação Ambiental crítica exige a superação de abordagens fragmentadas e naturalizadas. Segundo Mendonça (2002), o meio ambiente não pode ser reduzido à natureza intocada ou à ideia de “meio” como espaço neutro. Ao contrário, ele é o resultado de múltiplas interações entre sociedade e natureza, historicamente determinadas e espacialmente distribuídas de forma desigual. Nesse sentido, o território, como categoria analítica e vivida, constitui a base material das relações socioambientais, sendo essencial para a construção de uma consciência crítica sobre o lugar e os problemas que o atravessam.

Essa leitura crítica do território e da questão ambiental é essencial para o campo da educação, especialmente quando se busca estabelecer práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos estudantes. Como afirma Moralis (2021), formar educadores ambientais implica preparar profissionais capazes de problematizar os discursos hegemônicos sobre o meio ambiente e de propor ações transformadoras ancoradas na diversidade dos territórios e saberes populares. A autora defende uma formação baseada na ação-reflexão, com enfoque interdisciplinar, político e emancipador, em oposição às abordagens tecnicistas ou meramente comportamentais que tratam a Educação Ambiental como uma “cartilha de boas práticas”.

Este momento foi direcionado em promover uma aprendizagem significativa e socialmente contextualizada, foram disponibilizadas algumas propostas de temáticas ambientais a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo do período. A definição das temáticas decorreu de um processo dialógico e participativo, que envolveu a escuta ativa das experiências e interesses dos discentes a respeito dos problemas presentes no entorno da escola. As quatro frentes temáticas da PIT (Sustentabilidade, Identidades de Alagoas, Práticas Artístico-culturais e Educação em Direitos Humanos) se articulam às competências gerais da BNCC e ao protagonismo juvenil previsto no Novo Ensino Médio. Nesse ponto, o projeto desenvolvido com os alunos da Escola Djanira Santos Silva se insere plenamente nos objetivos do componente, ao promover a análise da paisagem local, o reconhecimento de problemas ambientais e a proposição de soluções em diálogo com os saberes da comunidade.

Conforme Mendonça (2002), compreender o meio ambiente exige conhecer as relações de poder, os conflitos e as contradições que moldam o espaço vivido. Ao trabalhar com o conceito de território como expressão das relações sociais, a proposta da PIT se mostrou potente ao permitir que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, produtores de saber e capazes de transformar sua realidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica realizada com a 1<sup>a</sup> série do Ensino Médio, por meio da integração entre o Programa PIBID e o componente curricular PIT, gerou resultados relevantes tanto no processo formativo dos alunos quanto na construção do papel social da escola em diálogo com o território. O desenvolvimento do projeto sobre “Meio Ambiente e Sustentabilidade na Comunidade Santo Antônio” (imagem 6 e 7) possibilitou a emergência de reflexões críticas sobre os usos e impactos ambientais locais, especialmente em torno do riacho da comunidade, afluente do Rio Coruripe.

**Imagen 6:** Realização das pesquisas



**Imagen 7:** Definição dos temas



**Fonte:** Acervo dos autores, 2025.

Durante a aula de campo, os estudantes demonstraram grande envolvimento ao observar o ambiente natural e reconhecer, de forma empírica, situações como o acúmulo de lixo nas margens, a presença de esgoto doméstico, a degradação da vegetação ciliar e o uso irregular da água por parte de moradores. Esses elementos, antes percebidos como parte do cotidiano naturalizado, passaram a ser discutidos com outro olhar, um olhar crítico, construído coletivamente por meio da mediação escolar.

Essa mudança de percepção evidencia o que Moralis (2021) chama de "apropriação do território como espaço de ação educativa", pois os/as estudantes passaram a ver seu espaço vivido não como algo separado da escola, mas como parte central do currículo. Através das rodas de conversa e das oficinas de criação, emergiram falas potentes sobre a responsabilidade coletiva na preservação da água, o papel da juventude na proteção ambiental e a importância de se valorizar os saberes tradicionais da comunidade.

Entre os produtos confeccionados destacam-se: murais com mensagens ambientais, maquetes representando e um conjunto de cartazes com propostas de ação sustentável na escola e na comunidade (Imagem 8 e 9). Esses materiais foram expostos na culminância do projeto, em uma aula aberta à comunidade escolar, momento em que os/as estudantes assumiram o papel de educadores ambientais.

**Imagen 8:** Equipe Projeto Marinho



**Imagen 9:** Cartaz confeccionado



**Fonte:** Acervo dos Autores, 2025.

A culminância não foi apenas um momento expositivo, mas um espaço de diálogo intergeracional, em que os conhecimentos escolares se entrelaçaram com os saberes locais. Muitos estudantes relataram que passaram a conversar com seus familiares sobre os cuidados com a água e o lixo, demonstrando que a aprendizagem ultrapassou os muros da escola.





O impacto da atividade também se refletiu na formação docente inicial. Quanto aos bolsistas do PIBID, a vivência proporcionou uma experiência prática de planejamento, mediação pedagógica e avaliação de um processo educativo real, pautado nos princípios da interdisciplinaridade e da contextualização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência desenvolvida junto à 1<sup>a</sup> série do Ensino Médio da Escola Estadual Djanira Santos Silva, em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o componente curricular Práticas de Integração com o Território (PIT), evidenciou a potencialidade crítica como instrumento formativo na consolidação da cidadania e no fortalecimento das relações entre escola e comunidade. Ao ancorar-se na realidade concreta vivenciada pelos/as discentes, notadamente nas problemáticas ambientais da comunidade Santo Antônio (Gavião), possibilitou a construção de conhecimentos técnico-científicos aliados à reflexão ética, política e afetiva sobre o território.

Os resultados obtidos permitiram concluir que as práticas pedagógicas sustentadas na interdisciplinaridade e valorização dos saberes locais na investigação do território promoveram o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica.

Diante das evidências geradas, delineiam-se perspectivas para investigações futuras que aprofundem as articulações entre escola, universidade, território e meio ambiente. Estudos posteriores poderão analisar os impactos de longo prazo das ações sobre as atitudes e comportamentos socioambientais das comunidades escolares, na eficácia de metodologias ativas, como o Design Thinking na promoção da autonomia discente ou na investigação dos desafios e possibilidades inerentes à implementação da PIT em distintos contextos educacionais. Ademais, torna-se pertinente problematizar o papel do PIBID na consolidação de práticas pedagógicas inovadoras e sintonizadas com as especificidades territoriais.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, às coordenadoras Denize dos Santos e Ana Cristina de Lima Moreira, ao professor supervisor Jeferson dos Santos Nascimento, e à Escola Estadual Djanira Santos Silva pelo apoio e aprendizado. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo incentivo à formação docente e à prática educativa.





## REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação. **Práticas de Integração com o Território (PIT)** – 1<sup>a</sup> série do Ensino Médio: Itinerário Formativo de Aprofundamento. Maceió: SEDUC/AL, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental e movimentos sociais no Brasil**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 27, n. 97, p. 305-328, 2006.

MENDONÇA, Francisco de Assis Costa. **Meio ambiente e geografia: a emergência de uma nova consciência crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

MORALIS, Angélica Gois. **A formação do profissional Educador Ambiental**. In: Seminário Nacional de Educação Ambiental. 2021.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora da Silva. **Ensino de Geografia e a construção do conhecimento**. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: **A Perspectiva da Experiência**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.